

**CAMINHOS PARA UMA HIPEREDIÇÃO: DOSSIÊ DE CARTA ABERTA A UM AMIGO (SOBRE UM LIVRO DE POLEMICA DO SNR. BASÍLIO CASTRO), DE EULÁLIO MOTTA**

*Stephanne da Cruz Santiago* (UEFS)<sup>20</sup>

[stephannesantiago@gmail.com](mailto:stephannesantiago@gmail.com)

*Iago Gusmão Santiago* (UEFS)<sup>21</sup>

[gusmaoiago@gmail.com](mailto:gusmaoiago@gmail.com)

*Liliane Lemos Santana Barreiros* (UEFS)

[lilianebarreiros@uefs.br](mailto:lilianebarreiros@uefs.br)

*Patricio Nunes Barreiros* (UEFS)

[patricio@uefs.com](mailto:patricio@uefs.com)

**RESUMO**

A filologia, em seu longo percurso, vem refletindo sobre seu objeto, método e perspectivas teóricas para aprimorar a sua prática. Dependendo do tipo de texto e de edição, seu olhar e metodologia precisam ser adaptados, de forma a melhor atender as necessidades do documento que se edita. Logo, no contexto atual, as discussões filológicas, assim como outras áreas de humanidades, têm se voltado para o universo digital, repensando a forma de editar e de publicar os documentos, buscando transcender a visão de texto como elemento apenas alfanumérico e percebendo-o como um conjunto, que engloba materialidade, produção e recepção. O meio digital, nesse sentido, vem como um novo paradigma de edição de textos, proporcionando ampliação de sentidos, dinamismo, múltiplas conectividades, mapeamento de relações documentais e exploração de diversos níveis do documento que, anteriormente, eram dificultados pelas limitações tecnológicas. Neste trabalho, discute-se a necessidade de, como filólogo, adentrar no meio digital; além de discutir, nesta perspectiva, a transição da filosofia da área, indo do modelo arborescente para o rizomático; e apresentar um dos principais passos metodológicos para a elaboração de edições digitais: o dossiê, elaborado a partir do rascunho *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)*, escrito no caderno *Farmácia São José*, pertencente ao acervo de Eulálio Motta.

**Palavras-chave:**

Hiperedição. Filologia. Eulálio Motta.

**ABSTRACT**

Philology, in its long journey, has been reflecting on its object, method and theoretical perspectives to improve its practice. Depending on the type of text and edition, its point of view and methodology need to be adapted, in order to better meet

---

<sup>20</sup> Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pelo fomento.

<sup>21</sup> Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pelo fomento – Código de Financiamento 001.

the needs of the document being edited. Thus, in the current context, philological discussions, as well as other areas of humanities, have turned to the digital universe, rethinking the way of editing and publishing documents, seeking to transcend the text view as an alphanumeric element and realizing it as a set, which encompasses materiality, production and reception. The digital area, in this sense, comes as a new paradigm of text editing, providing expansion of meanings, dynamism, multiple connectivity, mapping of document relationships and exploration of different levels of the document that, previously, were prevented by technological limitations. This work discusses the need, as a philologist, to enter the digital environment; in addition to discussing, in this perspective, the transition of the philosophy of the area, going from the arborescent to the rhizomatic model; and to present one of the main methodological steps for the elaboration of digital editions: the dossier, prepared from the draft *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Sr. Basílio Castro)*, written in the *Farmácia São José* notebook, that belongs to Eulálio Motta's archive.

**Keywords:**

**Hyperedition. Philology. Eulálio Motta.**

### **1. O escritor e seu acervo**

Nascido no interior do sertão da Bahia, no município de Mundo Novo, Eulálio Motta (1907–1988) viveu ao longo do século XX, foi poeta, prosador, jornalista, pasquineiro, farmacêutico por formação e atuou de forma assídua no cenário político e religioso de sua região. Tendo habilidade e afinidade com a escrita, Eulálio Motta fazia desta uma prática cotidiana, escrevendo tudo que lhe interessava, e acabou publicando em diversos jornais baianos, como O Lidador, O Serinhense, Gazeta do Povo e Jornal Mundo Novo, além de publicar, também, textos de produção independente, em forma de planfletos. Dentre as suas produções éditas, destacam-se seus três livros de poesia: “Ilusões que passaram” (1931), “Alma Enferma” (1931) e “Canções de Meu Caminho” (1948), sendo que o último teve sua segunda edição publicada postumamente, em 1983. Entretanto, havia projetos para publicações de outros volumes, como o do livro inédito de poesia “Meu caderno de trovas”, que não chegou a ser viabilizado em vida.

Assim, além dos escritos publicados em livros e jornais, Motta deixou um rico acervo, que ficou abrigado por anos em sua casa, em Mundo Novo, composto por uma quantidade considerável de textos autorais inéditos escritos em avulsos ou em cadernos, fotografias, postais, cartas, datiloscritos, diplomas, coleção de cédulas antigas, documentos pessoais e objetos pessoais, como sua máquina de datilografar. Eulálio Motta foi, além de um ávido escritor, um colecionador e visitante frequente de sua própria coleção. Alguns documentos do acervo possuem

indícios de que o escritor retornou aos seus textos buscando modificá-los de alguma forma ou se inspirar para a criação de outros, comprovando que o seu ato de arquivar não era meramente uma acumulação sem propósito ou somente afetiva.

A partir da pesquisa no acervo, é possível contar a história do escritor, já que a sua ação de colecionar acabou se tornando uma espécie de arquivamento de si, visto que, por meio dos textos é possível conhecer diversos aspectos do seu pensamento em várias épocas da sua vida, já que há escritos datados entre 1920 e 1988, ano de sua morte. Por conta da relevância biográfica e bibliográfica da documentação do acervo do escritor, o projeto *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta* tem como objetivo principal a edição e publicação das obras do escritor em meio impresso e digital, tanto de projetos de publicações que não foram possíveis em vida do autor, quanto de documentos literários e não literários que podem auxiliar na compreensão de suas obras ou se tornarem objeto de estudo também em outras áreas, como linguística, sociologia, história, geografia.

No acervo, destacam-se os 15 cadernos de trabalho que foram deixados pelo autor e que abrigam uma vasta quantidade de textos inéditos. Por conta disso, os cadernos têm um valor inestimável para pesquisa, tanto para conhecer aspectos da história de vida do autor e da sociedade a que pertencia, quanto para compreender e expandir sua obra, por meio da publicação dos inéditos.

Em meio aos cadernos, se encontra o *Farmácia São José*, cujo nome lhe foi atribuído graças a uma colagem, no centro de sua capa frontal (cf. figura 1), de uma etiqueta retangular de identificação em que consta o nome da Farmácia São José, que pertencia a família Motta e da qual Eulálio Motta possivelmente foi sócio. Trata-se de um caderno escrito entre 1940 e 1945; abriga majoritariamente rascunhos; é composto por folhas (reto e verso); apresenta uma diversidade de temáticas e gêneros textuais, como rascunhos de cartas, projetos de publicação, anotações do cotidiano, rascunhos de poemas, rascunho de prefácio de livro e de peça, totalizando 132 textos. O gênero textual que mais se destaca no caderno é o epistolar, representado por rascunhos de cartas, dentre os quais a temática religiosa é a mais recorrente: 52 rascunhos de cartas; 41 rascunhos de cartas de temática religiosa.

Figura 01: Capa frontal e capa de fechamento do caderno *Farmácia São José*.



Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

Dos 41 rascunhos de cartas religiosas, 19 foram direcionadas a Eudaldo Lima, pastor presbiteriano e amigo de infância de Motta. Neste trabalho, apresenta-se o dossiê do rascunho *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)*, escrito no caderno *Farmácia São José* e publicado como avulso em forma de carta aberta, contudo, em resposta a Eudaldo Lima. O dossiê foi produzido com a finalidade de ser publicado em uma hiperedição, em conformidade com a proposta de Barreiros (2013; 2015), que o considera como parte da metodologia importante para a realização de hiperedições no âmbito do projeto *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta*. Para além disso, discute-se o novo paradigma da filologia a partir da perspectiva rizomática, principalmente no que concerne às novas tecnologias da informática e a emergente cultura escrita digital, apresentando os impactos dessas mudanças na prática filológica.

## 2. *Novos paradigmas da filologia da era digital*

A filologia pode ser entendida como a área do conhecimento que tem como objetivo o “[e]studo do texto escrito na perspectiva de sua produção material, da sua transmissão através do tempo e da sua edição” (MARQUILHAS, [2009-], verbete *on-line*). A filologia tem reformulado seus métodos de análise e estabelecimento de textos, bem como a sua forma de pensar o seu objeto de estudo: o documento com texto escrito. Assim, em conformidade com as palavras atribuídas a Saussure, ao dizer que o objeto não precede o ponto de vista e sim o ponto de vista quem cria o objeto (SAUSSURE, 2006 [1916]), é possível afirmar que, ao longo da história, a filologia ‘recriou’, por diversas vezes, o seu objeto teórico a partir da perspectiva que assumia, acumulando, nesse percurso, a experiência necessária para alcançar um novo estágio de maturidade.

Apesar das transformações ocorridas, é possível destacar um ponto de vista que se fez presente em toda a trajetória da filologia, bem como de outras tantas ciências desenvolvidas no mundo ocidental: a visão arborescente. Na idade média, segundo Burke (2003), a metáfora da árvore já estava representada em diversos âmbitos do conhecimento: árvore judiciária, árvore da gramática, árvore dos jesuítas, etc. Para o autor, por trás do uso da metáfora da árvore, há um movimento de naturalização daquilo que é criação, que eleva a cultura ao patamar da descoberta, eliminando a ideia da invenção, conduzindo ao conservadorismo e reprodutivismo cultural. Nesse sentido, a metáfora da árvore funciona, de certo modo, como um instrumento ideológico de dominação, tendo sido amplamente utilizada por grandes instituições como, por exemplo, a Igreja.

No âmbito da filologia, é possível notar a presença de uma perspectiva arborescente desde as suas origens em Alexandria. Entretanto, é no seu modelo tradicional que o uso da metáfora se torna mais evidente. Para os editores da crítica textual tradicional, o texto era idealizado, isto é, na busca por resgatar um original ausente, perdido. Após a análise da tradição, os testemunhos eram selecionados, comparados e, por fim, transformados em um texto arquetipo considerado representativo desta tradição. Dessa forma, buscava preservar uma versão única do texto, reduzindo sempre a multiplicidade à unidade (idealizada), elegendo um testemunho do texto em detrimento de outro, classificando-os hierarquicamente e representando-os em um esquema arbóreo denominado estema.

Com a chegada da era digital, o texto sofreu grandes transformações a partir da sua inserção nos meios informáticos de comunicação, o

que provocou grandes mudanças a nível teórico e metodológico nos estudos filológicos. Tais mudanças conduziram ao surgimento de um novo paradigma, denominado por Cerquiglini (2000) de *Nouvelle Philologie*. Nesse contexto, surgem novas reflexões e o texto passa a ser considerado como essência verbal, materialidade e uso. Por considerar outros aspectos além dos códigos alfanuméricos, as necessidades do texto também se ampliam, abarcando restauração, acessibilidade, confiabilidade, maior fidelidade possível, o respeito à variação, a multiplicidade, etc. A tecnologia utilizada é a digital; lança um paradigma diferente de edição de texto: o âmbito digital, que tem como produto um hipertexto digital; e, por fim, a metáfora da árvore é substituída pela metáfora da rede, ou rizoma.

Apesar de o cenário digital abrir um leque de possibilidades inovadoras em edições de textos, ainda há um problema a ser superado: a reprodução das especificidades dos modelos da cultura impressa no meio digital. Segundo Barreiros (2014), tais edições que perpetuam os modelos lineares dos documentos impressos em meio digital consistem em incunábulo digitais<sup>22</sup>, visto que não fazem uso das oportunidades que o meio digital fornece para propor edições dinâmicas, amplas, e atrativas aos leitores/usuários. Para Patrick Sahle (2008), as edições digitais que seguem apenas os padrões estabelecidos para o modelo impresso não são edições digitais, segundo o sentido estrito abordado pelo autor, e sim edições digitalizadas:

As edições filológicas digitais não são apenas edições filológicas em mídias digitais. Eu distingo entre digital e digitalizada. Uma edição impressa digitalizada não é uma 'edição digital' no sentido estrito utilizado aqui. Uma edição digital não pode ser impressa sem uma perda de informação e/ou funcionalidade. A edição digital é guiada por um paradigma diferente. Se o paradigma de uma edição é limitado ao espaço bidimensional da 'página' e aos meios tipográficos de representação da informação, então não é uma edição digital.<sup>23</sup> (SAHLE, 2008, p. 2) (tradução nossa)

---

<sup>22</sup> O conceito apresentado por Barreiros (2014) faz alusão às primeiras obras impressas, que tentavam reproduzir as características das obras elaboradas na cultura manuscrita.

<sup>23</sup> Texto original: "Digital scholarly editions are not just scholarly editions in digital media. I distinguish between digital and digitized. A digitized print edition is not a "digital edition" in the strict sense used here. A digital edition cannot be printed without a loss of information and/or functionality. The digital edition is guided by a different paradigm. If the paradigm of an edition is limited to the two-dimensional space of the "page" and to typographic means of information representation, then it's not a digital edition" (SAHLE, 2008, p. 2).

Buscando não reproduzir os modelos impressos de edição em meio digital, dentre os diversos tipos de edição que se pode realizar nesse meio, Barreiros (2013; 2015) propõe um padrão de hiperedição, que resulta em um hipertexto digital:

[...] uma hiperídia que geralmente apresenta mais de um tipo de edição convencional - crítica, facsimilada, diplomática, sinótica etc., de modo integrado e dinâmico, documentos paratextuais diversos - textos, imagens, vídeos, sons e animações, organizados conforme critérios estabelecidos pelo editor. (BARREIROS, 2014, p. 49)

A hiperedição proposta por Barreiros (2013; 2015) é para disponibilização *on-line*, que possibilita uma grande difusão e amplo acesso aos recursos oferecidos pela *internet* se comparada às edições digitais *off-line*, como as que são dispostas em CDs, DVDs, *USB flash drives*, e até mesmo em disquetes, que não circulam tanto devido à escassez de aparelhos com entradas para sua leitura. A edição digital *on-line* previne tais problemas tecnológicos e fica disponível em qualquer aparelho que possua acesso à *internet*, o que não acontece com as edições digitais *off-line*, que requerem acesso ao arquivo original ou cópia da edição para que sejam instaladas em aparelhos computacionais, ex. *notebooks* e computadores. Outro ponto importante a considerar é que as alterações feitas pelos editores nas edições *on-line* serão disponibilizadas para todos os usuários/leitores ao mesmo tempo, pois o ponto de acesso é único, ao passo que as edições digitais na modalidade *off-line* não permitem a atualização dos dados e sua disponibilização em tempo real e simultâneo.

A hiperedição, por sua vez, propõe explorar o texto em toda a sua realidade, considerando os códigos alfanuméricos – a representação do sistema linguístico no texto; materiais – referentes à materialidade do documento, como o tipo de suporte em que foi escrito, estado de preservação, informações acerca dos materiais de escrita etc.; e contextuais – que se referem aos meios de produção, difusão e apropriação do texto. Todos esses códigos proporcionam ao leitor/usuário uma leitura mais completa e uma expansão de horizontes em relação ao texto, pois eles revelam aspectos que enriquecem a leitura e que nem sempre eram bem explorados em outros momentos da história por conta das limitações tecnológicas.

Outro aspecto da *nouvelle philologie* de Cerquiglini (2000) é uma nova concepção que se tem dos acervos pessoais, pertencentes a pessoas comuns ou públicas. Antes, a preocupação com arquivos e acervos era, *a priori*, de interesse da arquivística, disciplina que se encarregou desde seus estágios pré-científicos de discutir sobre as formas de organizar e

estruturar a documentação dos arquivos públicos, facilitando o seu acesso e consulta. Hoje, diversas áreas do conhecimento, como a filologia, crítica genética, a linguística e a crítica literária, passaram a observar o seu grande potencial para a pesquisa, o que tem proporcionado produtivas discussões de caráter epistemológico, fazendo com que os acervos deixassem de ser concebidos como *locus* de pesquisa e passassem a ser vistos como o próprio objeto de pesquisa.

Segundo Bordini (2009), a possível relação de sinonímia entre os termos acervo/arquivo, visto que se referem a duas dimensões de uma mesma realidade, deve ser rejeitada, pois

[...] o primeiro especifica a qualidade de um legado a ser manejado noutra ordem de interesses: o de ser constituído, não por objetos de exposição ou de consulta esporádica, mas por fontes primárias para o conhecimento literário, que testem ou promovam, na sua multidisciplinaridade, achados ou afirmações em sua concretude. Destaque-se que a investigação de acervos alarga o conceito de “obra”, chamando a atenção para sua materialidade. (BORDINI, 2009, p. 47-8)

Portanto, a concepção de acervo adotada pelos projetos *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta* e *Estudos lexicais no acervo de Eulálio Motta* não corresponde à visão tradicional que o concebe como lugar em que se encontra dados para a pesquisa, mas a uma nova perspectiva, que pressupõe que a sua organização interna, as relações objetivas e subjetivas que se apresentam entre os documentos, devem ser também questão de interesse científico, concebendo o acervo como um local de ligamentos, conexões que podem e devem ser mapeadas.

Segundo Barreiros (2014), os acervos literários também podem ser diferenciados dos arquivos tradicionais pelo fato de serem organizados pelos próprios pesquisadores, observando os interesses das pesquisas a serem desenvolvidas, ou até respeitando a formação orgânica do acervo como foi deixado pelo dono. Nesse contexto, a distinção proposta por Bordini (2009) se faz relevante por motivar as discussões sobre a natureza dos acervos pessoais e sua constituição interna, não observando apenas os documentos de forma isolada. Ademais, os resultados obtidos a partir do estudo dos acervos por outras áreas do conhecimento podem, inclusive, auxiliar a própria arquivística em seu desenvolvimento teórico e metodológico.

Por considerar a estrutura interna do acervo e suas conexões, para se estabelecer a hiperedição proposta por Barreiros (2013; 2015), se faz



necessário elaborar dossiês, com o intuito de cartografar as relações entre os documentos. Segundo o autor:

O termo dossiê arquivístico designa o conjunto de documentos escolhidos pelo pesquisador do manuscrito para auxiliá-lo na compreensão do texto. Esses dossiês inscrevem-se numa ordem de interesses específicos para o conhecimento de um determinado texto. (BARREIROS, 2015, p. 200)

A palavra-chave que melhor caracteriza a função do dossiê é cartografar. É por meio do dossiê que o pesquisador pode mapear as conexões entre os textos, podendo, assim, construir uma teia narrativa que conecta diversos pontos do mapa, facilitando a leitura dos documentos editados ao contextualizá-los no acervo. Por conta disso, a metáfora arborescente, que era utilizada na crítica textual tradicional, não dá conta dessa noção de multiplicidade no texto, abrindo espaço para a utilização de uma nova metáfora: a do rizoma. O rizoma, para a biologia, é um tipo de caule que cresce horizontalmente, sendo capaz de ramificar-se a partir de qualquer ponto, ao passo que a árvore tem suas partes constituintes se conectando de modo unilateral e vertical. A metáfora do rizoma se baseia na discussão filosófica de Deleuze e Guattari (1995), que, ao se utilizarem da terminologia botânica, apresentam uma nova possibilidade de ordenação das ideias e de construção do conhecimento que nega as hierarquias e as limitações do modelo arborescente.

O pensamento rizomático busca evitar os arquétipos por meio do abandono das sínteses ou simplificações e da análise do caráter múltiplo dos objetos. Trata-se de um modelo que considera a coexistência dialógica das coisas e tenta construir representações em torno de complexidades, estabelecidas a partir de conexões. Segundo os autores,

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37)

Deleuze e Guattari (1995) apresentam seis características aproximativas do rizoma, que podem ser verificadas no dossiê arquivístico ao observá-lo sob o prisma rizomático.

Abaixo, apresenta-se uma tabela (cf. tabela 01) elaborado por Barreiros, Santiago, I. e Santiago, S. (2017):

Tabela 01: Características do rizoma encontradas no dossiê.

<b>CARACTERÍSTICAS APROXIMATIVAS DO RIZOMA</b>	<b>APLICAÇÃO AO DOSSIÊ</b>
Conexão	São identificadas dentro do acervo linhas de conexão entre os documentos.
Heterogeneidade	As linhas de conexão apresentam naturezas diversas, como temática, genérica, implícita, explícita.
Multiplicidade	O texto não é mais considerado como unidade, mas como multiplicidades, se materializando no conjunto dos documentos que são percebidos como extensão deste. Esses documentos complementam, ampliam os sentidos do texto e, em alguns casos, se mostram indispensáveis para que se possa compreendê-lo. Não há centralização do texto, visto que qualquer documento pode tornar-se ponto de partida para a elaboração de um dossiê e não apenas os textos literários.
Ruptura a-significante	Cada dossiê elaborado consiste em um recorte dentro do acervo, havendo uma ruptura entre o que aparece e o que não aparece na edição. Tal ruptura não anula a autonomia e a coerência de sentido que são construídas a partir do dossiê estabelecido.
Cartografia	Apesar de haver uma metodologia pensada para a elaboração dos dossiês, não há uma arquitetura fixa. A estrutura é ditada pelo percurso lógico criado a partir de cada texto tomado como ponto de partida.
Decalcomania	Não se reproduz modelos, cada dossiê se estrutura de uma forma diferenciada a depender do texto que se toma como ponto de partida.

Fonte: Barreiros, Santiago, I. e Santiago, S. (2017).

É característico do dossiê, considerando a sua natureza rizomática, ser um modelo aberto, em que é possível estabelecer um número infinito de relações de natureza diversa. No acervo de Eulálio Motta, como exemplo, encontram-se fotografias, postais, anotações, objetos, documentos pessoais e de identidade, que estabelecem vários níveis de relações com os textos editados. Assim, não se faz necessário incluir todos os do-

documentos relacionados ao texto estudado na edição, mas apenas os documentos escolhidos pelo editor em função dessa (BARREIROS, 2015).

Um dos argumentos para essa recomendação é o fato de que é preciso delimitar a edição para que ela seja executável, além de considerar também o caráter íntimo de certos documentos “(...) não se pode incluir tudo numa edição, além disso, existem certos limites que se impõem à divulgação de documentos de acervos pessoais” (BARREIROS, 2015, p. 200). Todavia, isso não significa que o editor, ao compor um dossiê, deverá limitar sua busca das relações, e sim explorá-las ao máximo, para garantir uma seleção criteriosa dos documentos que serão publicados junto à edição. No projeto *Edições das Obras Inéditas de Eulálio Motta*, as edições dos textos servem como *corpora* para estudos literários, biográficos, nas áreas de história, geografia, linguística e até farmácia, dado ao fato de que Eulálio manteve anotações acerca de sua prática como farmacêutico.

### **3. Dossiê de Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)**

As missivas, geralmente, compõem narrativas que revelam diversos aspectos importantes da vida dos correspondentes, narrativas estas que vão se tornando mais complexas na medida em que os interlocutores alimentam o diálogo por meio das cartas. Os rascunhos de cartas religiosas encontradas no caderno *Farmácia São José* são fragmentos da correspondência ativa do escritor Eulálio Motta, em que ele se apresenta, por meio delas, como um defensor ferrenho da religião católica. Os rascunhos de cartas foram dirigidos a destinatários diversos, como o dono do jornal *O Lidador*, Nemésio Lima; seu amigo de infância, Eudaldo Lima; entre outras personalidades.

A maior parte dos rascunhos de cartas foi destinada a Eudaldo Lima, totalizando 19 rascunhos, com quem Eulálio Motta travou enérgicas discussões sobre o protestantismo e o catolicismo. Eudaldo Lima foi amigo de infância de Eulálio Motta, ambos cresceram em Mundo Novo-BA, mas seus caminhos em relação à religião eram bem distintos. Eulálio Motta, na década de 40, se converteu fervorosamente ao catolicismo, enquanto Eudaldo Lima, mesmo jovem, se enveredou pelo protestantismo e se tornou era pastor da Igreja Presbiteriana. Os rascunhos de cartas direcionados a Eudaldo Lima foram escritos em um momento em que Motta estava empreendendo uma Ação Católica, associada ao Movimento de

Ação Católica Brasileira (ACB) e ao Movimento de Ação Integralista Brasileira (AIB). Motta planejou executar sua Ação Católica, por meio da publicação de um volume de crônicas que abarcavam temas de interesse católico, como forma de resgatar os fiéis que se distanciaram da igreja. Os rascunhos dessas crônicas também se encontram no caderno *Farmácia São José* e os rascunhos de cartas para Eudaldo Lima apresentam um pano de fundo da construção dessa Ação Católica de Motta.

Por meio da documentação, percebe-se que ambos os correspondentes buscaram provar que suas religiões eram as mais próximas da vontade de Deus, de tal maneira que acabavam desqualificando a religião um do outro por meio de argumentos bíblicos e da literatura cristã. É possível ter certa noção do que se tratava a correspondência enviada por Eudaldo, pois, em certas ocasiões, Motta comentava trechos da carta recebida anteriormente em suas respostas. Motta manteve-se em correspondência com Eudaldo Lima por cerca de sete meses e, durante esse período, foram publicadas duas cartas abertas, uma vinda de Eudaldo Lima, chamada “Declaração Oportuna”, que fora publicada no jornal *O Lida-dor*, e a outra por Eulálio, que a publicou por meio de avulsos (panfletos).

A carta aberta de Eulálio não se encontra no acervo, contudo, sabe-se que foi publicada como panfleto, pois esse fato é exposto por Eudaldo Lima em sua carta aberta “Declaração Oportuna”, no jornal *O Lida-dor*. A batalha religiosa entre os amigos de infância se tornou pública por meio dessas cartas, mas continuou por mais alguns meses no âmbito privado, até que Eulálio Motta decidiu encerrar a discussão com o texto presente no rascunho de carta intitulado “Ponto final” (p. 104-5), no caderno *Farmácia São José*, na qual afirmou não se orgulhar das atitudes tomadas por ambos os correspondentes ao debaterem de maneira orgulhosa e vaidosa um tema sagrado como a vontade de Deus. A seguir (cf. quadro 01), apresenta-se o dossiê do rascunho *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)*:

Quadro 01: Dossiê do texto *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Snr. Basílio Castro)*.

Localização	Título	Justificativa da inserção no dossiê
	<i>Meu caro Eudaldo: Saudações</i> (p. 14-16)	Rascunho de carta que precede o texto da carta aberta, em que Eulálio faz crítica literária do livro <i>Cochilos de um sonhador</i> e promete a Eudaldo Lima outros comentários em carta sequente.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Caderno <i>Farmácia São José</i>	{2 de Outubro. <i>Amigo Nemesio. Saudações.</i> } (p. 25)	Rascunho cancelado de outro rascunho de carta por nome <i>Amigo Nemesio: Saudações</i>
	<i>Amigo Nemesio: Saudações</i> (p. 26)	Rascunho de carta em que Eulálio questiona Nemesio Lima o porquê de sua crônica que critica o livro <i>Cochilos de um sonhador</i> , de Basílio Catalá Castro, não foi publicada em <i>O Lidorador</i> .
	<i>Eudaldo Saudações / Em mãos o jornalzinho com a sua "Declaração Oportuna"</i> (p. 89)	Rascunho de carta em que Eulálio Motta fala sobre a resposta que dará à carta aberta <i>Declaração Oportuna</i> de Eudaldo Lima, publicada no jornal <i>O Lidorador</i> .
	<i>Eudaldo: Resposta oportuna</i> (p. 90-4)	Rascunho de carta em que Motta responde a carta aberta de Eudaldo Lima <i>Declaração Oportuna</i> publicada em <i>O Lidorador</i> .
	<i>Ponto final</i> (p. 104-5)	Rascunho de carta em que Motta põe um "ponto final" na discussão religiosa que travou com Eudaldo Lima.
Jornal <i>O Lidorador</i>	<i>Declaração Oportuna</i>	Carta aberta escrita por Eudaldo Lima, publicada no jornal <i>O Lidorador</i> em resposta à carta aberta de Eulálio Motta, destinada a Eudaldo, publicada em avulsos.
Não se encontram no acervo	Livro <i>Cochilos de um sonhador</i> – Basílio Catalá Castro	Eulálio agradece nesta carta o envio do livro <i>Cochilos de um sonhador</i> por parte de Eudaldo Lima. O livro em questão foi o motivo de diversos debates religiosos entre Eulálio Motta e Eudaldo Lima, envolvendo também outras personalidades da época, como Nemesio Lima, dono do jornal <i>O Lidorador</i> .
	Primeira crônica que Eulálio Motta escreveu sobre o livro de Basílio Catalá Castro ( <i>Cochilos de um sonhador</i> )	Eulálio cita a crônica na carta <i>Eudaldo amigo: Saudações</i> (f. 22r-23r), mas não diz se publicou ou se apenas a enviou para Eudaldo.
	Publicação avulsa da carta aberta em questão	A carta aberta foi publicada em avulsos, segundo Eudaldo Lima na carta <i>Declaração Oportuna</i> .
	Livro <i>Dom Quixote de la Mancha</i> - Miguel de Cervantes	Eulálio cita fragmento do livro de Basílio Castro em que há citação de <i>Dom Quixote</i> .
	Livro <i>A imitação de Cristo</i> – Tomás de Kempis	Eulálio diz que mantém este livro em sua estante, e que o mesmo é um dos objetos de sua predileção.

	Bíblia Sagrada	Eulálio cita diversos fragmentos da Bíblia Sagrada em sua carta aberta.
--	----------------	-------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

Por meio do dossiê apresentado, é possível cartografar as relações entre as cartas de Eulálio Motta e Eudaldo Lima, de maneira que a compreensão do texto *Carta Aberta a um amigo (Sobre um livro de polemica do Sr. Basílio Castro)* e a discussão religiosa entre os interlocutores se dão em uma dimensão muito mais ampla do que se daria caso o acesso e leitura dos textos ocorressem apenas de forma independente.

O dossiê também proporciona a identificação de textos que o autor teve acesso, que serviram de base para sua escrita e que fizeram parte de seu acervo pessoal. Contudo, alguns desses textos não pertenciam mais a composição do acervo quando ele foi doado ao projeto *Edição das Obras Inéditas de Eulálio Motta*, como é o caso do livro *A imitação de Cristo*, do Pe. Tomás de Kempis; e do livro *Cochilos de um sonhador*, de Basílio Catalá Castro – que foi o objeto de discussão da carta aberta. Assim, conclui-se que o dossiê também fornece o levantamento dos textos ausentes, esses que fizeram parte do acervo de Eulálio Motta, mas que, por algum motivo, seja por ação do acaso ou do próprio escritor, não compõem mais o acervo.

#### **4. Considerações finais**

Levando em conta que o acervo de Eulálio Motta é compreendido como um conjunto documental, assim como todos os acervos pessoais, não se pode ignorar o fato de que sua estrutura interna seja interligada. O filólogo, ao manusear um acervo pessoal, lida com textos de natureza diversa que mantêm uma rede de sentido entre si, podendo, inclusive, ser expandida para fora do acervo. O acervo, tratando-se um conjunto com características rizomáticas, precisa ter as suas conexões internas e externas cartografadas e exploradas, pois, retirar um texto do acervo e apresentar a sua edição de maneira individual e descontextualizada, não explorando as suas relações como o conjunto documental ao qual ele pertence, seria privar os leitores dos múltiplos significados e leituras possíveis deste documento. Assim, o dossiê é uma forma eficiente e prática de mapeamento as relações e entre os documentos do acervo, proporcionando a expansão de sentidos dos seus textos.

O dossiê faz parte dos processos que antecedem a hiperedição e permite que se explorem tanto os elementos dispostos no acervo, quanto

as relações que se estabelecem fora dele, identificadas pelo editor a partir da análise dos documentos. Assim, os princípios de conectividade e heterogeneidade apresentados por Deleuze e Guattari (1995, p. 15) se mostram eficazes para nortear as investigações dentro e fora dos acervos. Contudo, cabe ao filólogo fazer uma avaliação das relações entre os documentos no momento de publicação dessas edições rizomáticas (digitais), observando os níveis de conexão, para que esta possa ser apresentada de modo ordenado, não causando ao leitor/usuário uma sobrecarga ou confusão de informações.

O mapeamento, resultante do processo de composição do dossiê, possibilita a integração dessa documentação, contribui para a elaboração das narrativas biográficas do escritor e para o conhecimento mais aprofundado da sua obra, com base em leituras mais completas de seus textos, promovidas pelo levantamento de documentos que se conectam com eles dentro e fora do acervo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIROS, Patricio Nunes. Novas práticas culturais da escrita, novas perspectivas da Crítica Textual: rumo às hiperedições. *Linguística e Filologia Portuguesa* (USP), São Paulo, 2014. (v. 16)

\_\_\_\_\_. *O pasquineiro da roça, a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana: UEFS, 2015.

\_\_\_\_\_. SANTIAGO, Iago Gusmão. SANTIAGO, Stephanie da Cruz. A interface rizomática do acervo: construção do dossiê arquivístico para elaboração de edições digitais. *A Cor das Letras (UEFS)*, v. 18, n. 2, p. 45-67, Feira de Santana, 2017.

BORDINI, Maria da Glória. Os acervos de escritores sulinos e a memória literária brasileira. *Patrimônio e Memória*, v. 4, p. 1-20, UNESP, 2009.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CERQUIGLINI, Bernard. Une nouvelle philologie. In: *PHILOLOGIE A L'ERE DE L'INTERNET*, 2000, Budapeste. Disponível em: <http://magyar-irodalom.elte.hu/colloquia/000601/cerq.htm>. Acesso em: 02 mar. 2022.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs – Capitalismo e Esquizofrenia – Vol. 1*. Trad. de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

MARQUILHAS, Rita: Filologia. E-Dicionário de Termos Literários. (2009). Disponível em: &lt;<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/filologia/>&gt;. Acesso em: 15 mar. 2022.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Cultrix: São Paulo, 2006.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poetica/EDUSP, 1994.

SAHLE, Patrick. *About*, a catalog of: Digital Scholarly Editions, v 3, snapshot 2008ff. Disponível em: <http://www.digitale-edition.de/vlet-about.html>. Acesso em: 10 dez. 2021.

Outras fontes:

UEFS/CONSEPE. Resolução CONSEPE Nº 070/2016. Aprova o Projeto de Pesquisa *Edição das Obras Inéditas de Eulálio de Miranda Motta (IV Etapa)*, sob a coordenação do Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade, financiado pela FA-PESB. Feira de Santana-BA: D.O.E., 2 set. 2016.

UEFS/CONSEPE. Resolução CONSEPE Nº 128/2008. Aprova o Projeto de Pesquisa *Edição das Obras Literárias Inéditas de Eulálio de Miranda Motta*, sob a coordenação do Prof. Patrício Nunes Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade. Feira de Santana-BA: D.O.E., 27 ago. 2008.